

Manuela Garcia Moraes

ERA UMA VEZ A FAZENDA DO BOQUEIRÃO:

**Memória, território e imaginário em torno da Fazenda do Boqueirão,
Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS**

Porto Alegre

2017

Manuela Garcia Moraes

**ERA UMA VEZ A FAZENDA DO BOQUEIRÃO:
Memória, território e imaginário em torno da Fazenda do Boqueirão, Lomba
do Pinheiro, Porto Alegre, RS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

Porto Alegre, 2017

CIP - Catalogação na Publicação

Moraes , Manuela Garcia

ERA UMA VEZ A FAZENDA DO BOQUEIRÃO: Memória,
território e imaginário popular em torno da Fazenda
do Boqueirão, Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS /
Manuela Garcia Moraes . -- 2017.

70 f.

Orientadora: Ana Maria Dalla Zen .

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Museologia Social. 2. Patrimônio Cultural. 3.
Memória e imaginário. 4. Território e pertencimento .
I. Dalla Zen , Ana Maria , orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Manuela Garcia Moraes

**ERA UMA VEZ A FAZENDA DO BOQUEIRÃO:
Memória, território e imaginário em torno da Fazenda do Boqueirão, Lomba
do Pinheiro, Porto Alegre, RS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

Aprovada em 25 de julho de 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Eráclito Pereira
Fabico/Ufrgs

Profa. Me. Marlise Giovanaz
Fabico/UFRGS

Profa.Dra. Ana Maria Dalla Zen
Fabico/UFRGS, orientadora

À vida, pela oportunidade de viver!

*Agradeço a todos aqueles que passaram por mim deixando um pouco de si contribuindo
para meu crescimento enquanto ser humano.*

*À minha professora e orientadora Ana Maria Dalla Zen pelo acolhimento, carinho,
compreensão e dedicação. Por ter me auxiliado desde o início dessa jornada sempre de
coração aberto.*

*Aos professores do curso de Museologia pelo conhecimento compartilhado e pela
oportunidade de aprendizado.*

À UFRGS e ao Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro pela experiência adquirida.

*Aos colegas de trabalho e de curso, em especial a Thais Bender, pela amizade e
cumplicidade que se fortaleceu nos momentos mais difíceis.*

À Elisabeth, minha mãe, por ter me recebido com bravura, coragem e acima de tudo amor.

A minha vó, Mafalda, pelo amor incondicional.

*À Lilián e ao Pedro, meus tios, por acreditarem em mim e estarem ao meu lado nos bons e
maus momentos.*

Ao meu irmão Iara, por ser meu porto seguro.

Aos amigos queridos que, de um jeito ou de outro, estão sempre dispostos a me ajudar.

*À minha família de quatro patas, que me ensina todos os dias o verdadeiro significado do
amor e da caridade.*

*Confía en el tiempo, que suele dar dulces salidas
A muchas amargas dificultades.*

Miguel de Cervantes

RESUMO

Este trabalho foi realizado com o objetivo de analisar a relação estabelecida entre os moradores do bairro Lomba do Pinheiro e as ruínas de uma antiga fazenda do século XVIII conhecida popularmente na região como Fazenda Boqueirão, no Bairro Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, a fim de estabelecer relações entre memória, imaginário e território. Com fundamentação teórica nos estudos sobre imaginário, memória e território, a investigação foi realizada sob a forma de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, e utilizada a metodologia da história oral. Os dados foram coletados através de entrevistas com pessoas apontadas pela comunidade como referências sociais, para colher suas narrativas em torno de suas histórias e experiências de vida, fossem elas coletivas, individuais, culturais ou sociais, na intenção de identificar os fatores representativos que atribuem diferentes significados ao local e compreender se essas representatividades auxiliam ou não a preservação do espaço, bem como da produção textual e gráfica (desenhos) produzidos por alunos das escolas locais, uma vez que o mesmo é recorrente entre as novas gerações. Conclui que, ao se pensar a história da Fazenda e as memórias que se constituíram a partir da convivência desses moradores com o espaço, novos sentidos foram estabelecidos, os quais permitem que se reflita sobre o poder que a imaterialidade exerce na preservação do bem material, baseada na ideia de que os valores intangíveis conferem um significado mais rico e completo ao patrimônio como um todo.

PALAVRAS-CHAVE

Museologia. Patrimônio Cultural. Memória e imaginário. Território e pertencimento.

ABSTRACT

This research was carried out with the objective of analyzing the relationship established between the residents of the Lomba do Pinheiro neighborhood in Porto Alegre and the ruins of an 18th century farm popularly known in the region as Fazenda Boqueirão in order to establish relations between memory, imaginary and territory. The research was carried out using the qualitative methodological approach, of ethnographic character, and used the methodology of oral history with theoretical basis in the studies about imaginary, memory and territory. The data were collected through interviews with people pointed out by the community as social references, to collect their narratives around their histories and life experiences, whether collective, individual, cultural or social, with the intention of identifying the representative factors that attribute different meanings to the farm and to understand if these representations do or don't help the preservation of the site, as well as of the textual and graphic production (drawings) produced by students of the local schools, since it is recurrent among the new generations. This article concludes that when one considers the history of the farm and the memories that were formed from the coexistence of these dwellers with the space, new meanings were established, which allow one to reflect on the power that immateriality exerts in the preservation of the material good, based on the idea that intangible values give richer and fuller meaning to a heritage site.

KEYWORDS

Museology. Cultural heritage. Memory and imaginary. Territory and belonging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Ruínas da Fazenda Boqueirão 2010	12
Figura 2 Visita as ruínas da Fazenda Boqueirão com alunos e professores do bairro Lomba do Pinheiro 2016	14
Figura 3 Sede da Fazenda Boqueirão na década de 1940	19
Figura 4 Casa de moradia da Fazenda Boqueirão 2000	21
Figura 6 Afonso Lourenço Mariante e Família Remião 1920	23
Figura 7 Ruínas da Fazenda Boqueirão ano 2010	24
Figura 8 Visita as ruínas da Fazenda Boqueirão com alunos do curso de Museologia UFRGS 2016	27
Figura 9 Desenho de aluno da 6º série	34
Figura 10 Desenho de aluno da 6º série	36
Figura 11 Desenho de aluno da 6º série	39
Figura 12 Desenho de aluno da 6º série	43
Figura 13 Desenho de aluno da 6º série	45
Figura 14 Desenho de aluno da 6º série	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A FAZENDA BOQUEIRÃO: UMA PROSPECÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA	17
3	MEMÓRIA, IMAGINÁRIO E IMAGINAÇÃO	29
4	TERRITÓRIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA & IMAGINAÇÃO	41
5	A FAZENDA BOQUEIRÃO NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES DO BAIRRO: ALGUMAS REFLEXOES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, NOME E DEMAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	59
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM MORADORES DO BAIRRO LONBA DO PINEHIRO	60
	APÊNDICE C – PROPOSTA DE ATIVIDADE REALIZADA COM ALUNOS DE SEXTA SÉRIE DAS ESCOLAS EEEFM RAFAELA REMIÃO E EEEF EVA CARMINATTI	61

1 INTRODUÇÃO

Situada no Bairro Lomba do Pinheiro, na zona leste da cidade de Porto Alegre, a Fazenda Boqueirão exerce papel fundamental na preservação da história e da memória do bairro Lomba do Pinheiro. Este por sua vez é um bairro da periferia da cidade que até o início do século XX caracterizava-se pelo seu aspecto rural e só a partir da segunda metade do século em questão passa a dividir o espaço com núcleos de grande densidade demográfica – as vilas populares. Mesmo com a difícil realidade enfrentada por bairros dessa tipologia a comunidade da Lomba do Pinheiro, possui uma longa história de lutas, na qual lideranças da comunidade se organizaram reivindicando melhores condições sociais e econômicas, e por maior atenção aos problemas da comunidade por parte dos órgãos públicos e políticos.

Hoje, já em ruínas, a Fazenda Boqueirão passou a ser utilizada como espaço de convivência de diferentes grupos, com diferentes interesses, relacionando-se com a comunidade da região através de outros vínculos que se sobrepõem a historicidade do local. Os múltiplos entendimentos e as distintas relações que cada indivíduo estabelece com o bem material influenciam o surgimento de novos sentidos, novas memórias e histórias.

Figura 1

RUÍNAS DA FAZENDA BOQUEIRÃO 2010



Fonte: Acervo Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro

Assim, baseando-se na história e na configuração do Bairro, este trabalho se propôs a refletir acerca da influência que a imaterialidade pode exercer na preservação de um patrimônio edificado e como as relações imaginárias podem agregar, ou não, valores aos bens materiais. Neste caso o objeto analisado é uma construção centenária, localizada na periferia da Cidade, transformada numa referência da história local, apropriada pelos moradores dos arredores que ressignificaram o espaço, transformando-a num espaço de memória.

É importante ressaltar, nesse sentido, que tal fenômeno trouxe consigo o fortalecimento do sentido de pertencimento ao território, uma vez que, ao se apropriarem da historicidade do local, os moradores, através de suas lembranças, memórias, recordações, criaram vínculos solidários, afetivos e comunitários, daí nascendo um forte sentimento identitário entre os moradores, forjando um sentimento de pertença que permite que se reconheçam como uma comunidade, o que fez com que passassem a lutar pela preservação das ruínas Fazenda.

Nessa linha, se tornou necessário compreender como cada sujeito configura diferenciadas representações sociais em relação a uma dada realidade e qual a influência que os valores intangíveis exercem acerca dos bens materiais. Isso decorre da premissa de que o imaginário permite ao ser humano, enquanto ser social, elaborar os seus próprios pensamentos a respeito de si mesmo e da realidade que o cerca, criando e recriando suas representações e práticas de vida. Sendo assim este trabalho se propôs a pesquisar os principais fatores que contribuem para a preservação da história da Fazenda Boqueirão visando identificar a influência que o imaginário popular pode exercer sobre a preservação da Fazenda, transformado num ponto de memória do território e dos moradores, enquanto elemento pertencente ao patrimônio do Bairro.

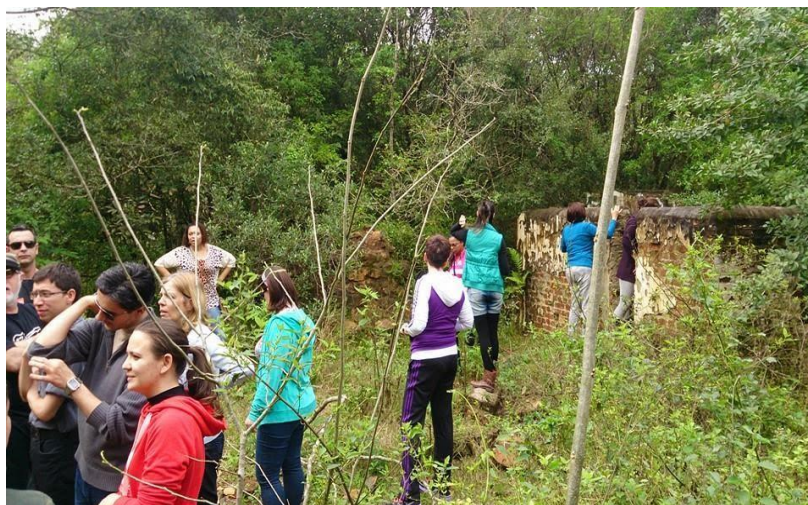
Para dar conta de seu objeto de investigação, a pesquisa foi realizada através de uma abordagem de cunho qualitativo, sob a forma de um estudo de caso, o que permitiu uma aproximação e interação direta e permanente com os moradores, cujas

manifestações foram ouvidas através de encontros informais, na forma de roteiros de entrevistas semi-estruturadas, com espaços abertos e livres para a inclusão de novas perspectivas sempre que elas surgissem, de modo a contemplar toda a gama de interesses dos sujeitos. Desse modo, foram ouvidos moradores das vilas Quinta do Portal e Mapa, escolhidas por serem as duas mais próximas e circunvizinhas à sede da antiga Fazenda. De suas narrativas foi possível inferir alguns elementos que identificam os diferentes significados atribuídos ao local e compreender de que forma os moradores, através desse empoderamento patrimonial, têm auxiliado na preservação da história e da memória da Fazenda Boqueirão.

Ao se verificar que nas escolas locais a presença da Fazenda, de suas histórias, lendas e casos é assunto recorrente no cotidiano escolar, decidiu-se incluir na pesquisa as manifestações dos alunos das escolas EEEFM Rafaela Remião e EEEF Eva Carminatti, escolhidas por sua proximidade geográfica com a Fazenda. Para isso, optou-se pela técnica da produção textual e gráfica, em que eles foram convidados a redigir textos e ou produzir desenhos através dos quais foi possível observar as narrativas, construções imagéticas e representações que fazem em relação à história da Fazenda.

Figura 2

**VISITA AS RUÍNAS DA FAZENDA BOQUEIRÃO COM ALUNOS E PROFESSORES DO
BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO ANO 2016**



Fonte: Acervo Museu Comunitário Lomba do Pinheiro

Portanto, os resultados que serão apresentados no decorrer dos próximos capítulos, se constituem em recortes das conversas com os moradores e das produções textuais e gráficas dos alunos, tendo como base a fundamentação teórica nos estudos sobre imaginário, memória e território.

Diante do exposto este trabalho buscou responder as seguintes indagações: qual é a representação da Fazenda Boqueirão no imaginário popular? Quais os motivos que levam os moradores do Bairro Lomba do Pinheiro a lutar pela preservação da Fazenda Boqueirão? Até que ponto o imaginário se constitui em estratégia de militância da comunidade em preservar a memória da Fazenda Boqueirão?

Para responder a essas questões, este trabalho foi estruturado em capítulos que se iniciam pela imersão na identificação da Fazenda Boqueirão e de sua relação histórica com o Bairro Lomba do Pinheiro. Em seguida será apresentada uma aproximação com os conceitos de território, memória e imaginário, acompanhados de reflexões em torno das relações entre memória, identidade e território. Além disso, neste mesmo capítulo foram apresentadas e discutidas as narrativas dos moradores, bem como da produção textual e desenhos dos alunos das escolas locais. O trabalho finaliza com reflexões em torno das narrativas, de modo a sintetizar até que ponto os objetivos da pesquisa foram alcançados. Longe de apresentar análises definitivas ou objetivas, o capítulo final é permeado pelo envolvimento e subjetividade da autora que, além de ser moradora do Bairro, há cerca de três anos atua como educadora social junto ao Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, em cujo cotidiano nasceu a proposta desta pesquisa.

Portanto, a tessitura entre os conceitos teóricos, o *corpus* empírico e a análise dos resultados, se propôs a alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Identificar, na história da Fazenda Boqueirão, que elementos colaboraram para sua transformação em espaço de memória no imaginário popular;

- Relacionar a história do Bairro Lomba do Pinheiro com as narrativas dos moradores das vilas e alunos das escolas próximas à Fazenda;
- Interpretar o significado das memórias dos moradores a partir dos conceitos de território, sentido de pertença e imaginário;

Justifica-se a realização desta pesquisa como trabalho de conclusão do curso de Museologia dentro do movimento da Nova Museologia, da Museologia Social e do conceito de Museus Comunitários, que, ao invés de tratar das questões dos museus tradicionais, afeitas às instituições, públicos e acervos, voltou seus olhos para as pessoas, suas narrativas e seus vínculos com o lugar onde moram, convertido em seu patrimônio, com suas memórias, histórias, narrativas e imaginário.

Sinto que, em minha condição de moradora do Bairro da Lomba do Pinheiro e militante pela Museologia Social dentro do Museu da Lomba, cumpri meu dever, ao recuperar um pequeno recorte da história do Bairro que, embora recorrente entre os moradores, permanecia em silêncio. Assim, espero contribuir com este trabalho para que essa comunidade seja um pouco mais valorizada em sua história, memórias e, mais especificamente, pelas vozes de seus moradores, reconhecidos por sua capacidade de resiliência, sobrevivência e, acima de tudo, esperança. E, desse modo, quero mostrar que a Lomba do Pinheiro, identificado como um lugar de violência, drogadição e exclusão, é, mais do que isso, um Bairro de pessoas fortes e empoderadas pelo seu território.

2 A FAZENDA BOQUEIRÃO: UMA PROSPECÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

A fim de compreender o objeto desta pesquisa, foi realizada uma imersão na história do Bairro Lomba do Pinheiro e, dentro dela, o surgimento, crescimento e decadência da Fazenda Boqueirão. Essa contextualização permitiu o entendimento do objetivo principal deste trabalho, de analisar o imaginário e as memórias que se constituíram a partir da relação dos moradores do Bairro com o seu território, a partir do caso da Fazenda Boqueirão. Com este capítulo, se conseguiu identificar que elementos colaboraram para sua transformação em ponto de memória no imaginário popular.

A Lomba do Pinheiro é um bairro da periferia da cidade de Porto Alegre, situado no seu limite leste, com o município de Viamão. Embora tenha sido criado em 1959, através da Lei Municipal 2002 de 07/12/1959¹, sua mudança mais importante ocorreu em 1997, quando, através da Lei Municipal 7954², cinco vilas que pertenciam ao município de Viamão passaram a fazer parte da Lomba do Pinheiro e conseqüentemente do município de Porto Alegre. Atualmente o Bairro é formado por mais de trinta vilas, a grande maioria, constituída a partir de assentamentos irregulares ou clandestinos. A esse respeito, Minuzzo (2011, p.19) destaca que:

[...] algumas dessas vilas formam comunidades situadas em áreas verdes, cobrindo encostas ou junto a arroios e nascentes, onde famílias se obrigam a viver em precárias condições de infraestrutura e sanitárias, comprometendo a mata nativa e o meio ambiente.

De acordo com o autor (Op.cit, p. 17), em 2011 a Lomba se constituía no quarto bairro mais populoso de Porto Alegre, com 51.415³ habitantes. E sua população era bastante heterogênea “[...] formada por moradores dos mais diversos pontos do Rio Grande do Sul e de outros Estados”.

¹Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=40&r=809&f=S&d=ATOS&l=20&s1=\(CAMARA+MUNICIPAL+DE+PORTO+ALEGRE\)](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=40&r=809&f=S&d=ATOS&l=20&s1=(CAMARA+MUNICIPAL+DE+PORTO+ALEGRE)). Acesso em junho 2017.

²Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000021684.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> Acesso em junho 2017.

³Site referente aos dados <http://portoalegremanalise.procempa.com.br>

Dentro do Bairro convivem núcleos densamente povoados e espaços verdes, alguns de preservação ecológica, onde se encontram “[...] áreas que ainda mantêm aspectos naturais, sendo que também contém assentamentos populacionais consolidados.” (OBERRATHER; PEGORARO, 2006, p.1).

Até meados da década de 1940 a Lomba do Pinheiro conservava características rurais e, segundo Minuzzo (2011, p.17), foi somente a partir da década de 1950 que “[...]o poder público incentivou na Lomba, e em bairros ainda mais distantes do centro da capital, a instalação de famílias oriundas do êxodo rural, porém a ocupação ocorreu de forma desordenada”. Desde então, o Bairro vem acolhendo, em compasso crescente, pessoas oriundas das mais variadas origens, que lá fixam suas residências de forma precária e sem uma infraestrutura que permita as condições básicas para uma vida digna. Ou seja, até hoje o Bairro sofre as consequências dessa política. Porém, o autor destaca que um movimento popular vem ocorrendo desde o distante ano de 1950, que é a organização dos moradores em associações comunitárias muito fortes e que identificam hoje o Bairro como um dos mais politizados de Porto Alegre. A esse respeito, lembra o autor:

[...] a comunidade começou a fundar associações de moradores nas primeiras vilas. Na época, as vilas ainda constituíam núcleos bastante isolados, e, a partir delas, reivindicavam energia elétrica, água tratada, posto de saúde, escolas, reparos nas estradas de acesso, melhores transporte. De tal modo, que na busca por reconhecimento para o bairro e avanços nas condições de vida, a primeira associação, fundada em 1957, promovia sabatinas com candidatos a cargos eletivos ao município de Porto Alegre (Op.cit, p.16).

Desse modo, apesar de ser um bairro da periferia, que sofre com as situações de vulnerabilidade e é, muitas vezes, caracterizado por seus aspectos negativos, a Lomba do Pinheiro entre suas principais características “[...] destaca-se por sua diversidade cultural, sendo que associações comunitárias constituem um espaço político de construção da cidadania, com projetos e atividades que buscam a inclusão social de seus moradores” (FREIRE, 2000, online). A esse respeito, acrescenta-se também que:

A comunidade está organizada em diversas associações de moradores, relativas às vilas onde moram, e têm uma significativa trajetória de participação nas conquistas da região. Através da mobilização comunitária, a população conseguiu a atenção do poder público para a implantação de redes e serviços essenciais. Mais recentemente tem

atuação ativa no Orçamento Participativo, conquistando urbanização e melhorias dentro das vilas, assim como dentro da região (OBERRATHER; PEGORARO, 2006, p.4).

Portanto, a trajetória da Lomba do Pinheiro evidencia que os moradores, engajados, buscam melhores condições de vida e mostra que os mesmos reconhecem seu território e lutam por ele ainda que “[...] muitos moradores sentem embaraço para identificar seu endereço na Lomba, principalmente àqueles que residem em uma vila com situação fundiária irregular” (MINUZZO, 2011, p.21).

A conexão dos moradores com seu território implica na forma como eles se familiarizam com a Fazenda Boqueirão, através da relação de pertencimento estabelecida para com o Bairro criam-se vínculos que propiciam um olhar diferenciado sobre os locais que trazem uma referência positiva, seja por meio da história, ou até mesmo, de memórias, normalmente oriundas de vivências pessoais vinculadas a essa trajetória de lutas que o Bairro apresenta. No caso da Fazenda Boqueirão, os moradores passam a reconhecer o lugar como uma referência por estar vinculada a história da Lomba do Pinheiro e à medida que se relacionam com esse local e com a sua história criam memórias e novas histórias que passam a atribuir novos significados à antiga fazenda.

Figura 3

SEDE DA FAZENDA BOQUEIRÃO NA DÉCADA DE 1940



Fonte: Acervo Museu Comunitário Lomba do Pinheiro

Para compreender esse vínculo, é importante ressaltar que tanto as trajetórias tanto do Bairro quanto da Fazenda, estão diretamente vinculadas à história da cidade de Porto Alegre. O território foi originariamente constituído por sesmarias, ou seja, grandes estâncias de gado, que foram instaladas na região do Porto de Viamão, atual Porto Alegre, no século XVIII.

Antes que a cidade fosse fundada, no ano de 1772, lembra o autor, o território do Bairro havia sido distribuído em três sesmarias, concedidas respectivamente a Jerônimo de Ornellas Menezes Vasconcellos, Sebastião Francisco Chaves e Dionísio Rodrigues Mendes, limitadas entre o arroio Feijó, os rios Gravataí e Guaíba (SYMANSKI, 1997).

De acordo com Oliveira (2011, p.35), a “[...] Fazenda Boqueirão estaria localizada entre as sesmarias de Sebastião Francisco Chaves e Dionísio Rodrigues Mendes”. Outra versão afirma que:

[...] outros documentos sugerem que a Fazenda Boqueirão tenha sido instalada a partir da compra de terras que pertenceram a Miguel Bráz, natural de Laguna. O mesmo recebeu como doação, em 1755, da Coroa portuguesa carta de sesmaria, que limitava a oeste com a sesmaria de Sebastião Francisco Chaves (TATSCH,2015, p.46).

Assim, após o falecimento de Miguel Braz em 1755, sua esposa Isabel dos Santos Maciel torna-se responsável pelas terras. Em 1789 Manuel Lourenço Mariante, natural da Ilha dos Açores, Portugal, adquiriu as terras da viúva de Miguel Bráz, mais especificamente de Bernardo Jose da Rocha, segundo esposo de Isabel dos Santos Maciel. De acordo com o autor, este era considerado “cabeça de casal”, ou seja, responsável pela negociação dos bens e vende as terras à Manuel Lourenço Mariante, que passa a ser o proprietário do que em 1791 se tornou a Fazenda Boqueirão.

Figura 4**CASA DE MORADIA ANO 2000**

Fonte: Museu Joaquim Felizardo/SMC. Autoria: Coordenação Comunicação Social/PMPA

As construções em estilo luso-brasileiro, devido à origem açoriana da família Mariante, compunham a sede da fazenda e a mesma se destinava a atividades relacionadas à criação de gado, agricultura e ao processamento dos produtos de engenho, que eram realizadas por escravos, e, desse modo, a fazenda se inseriu no contexto rural de produção agropecuária do país nos séculos XVIII e XIX.

Com o passar dos anos, a fazenda ganhou novas funções e novos proprietários:

[...] em 1887, após o falecimento de Manuel Lourenço Mariante, seus filhos Antero Lourenço Mariante e Afonso Lourenço Mariante herdaram as terras que sediam a propriedade. A este último calhou à área da sede da fazenda. O mesmo era solteiro e não tinha filhos, porém, assumiu a guarda de uma afilhada, Rafaela Serpa, filha de seus empregados. Esta herda a propriedade em 1925. Posteriormente casa com o português João de Oliveira Remião assumindo o nome de Rafaela Serpa Remião. Em 1945 Rafaela, agora com o sobrenome de Serpa Grohmann em razão de seu segundo casamento, vende parte do terreno, que correspondia à sede da fazenda, para Plínio Chaves Figueiredo. Após a morte deste a propriedade passa a família Chaves Barcellos. Parte das terras da fazenda continuou na família passando ao filho mais velho Osmar de Oliveira Remião e seus descendentes como Edemar Gonçalves Remião, seu filho e atual proprietário de uma parte do local (TATSCH, 2015, p.46).

Segundo o autor, na primeira metade do século XIX, a Fazenda Boqueirão estava inserida na Freguesia de Belém. Atualmente, a área da antiga Fazenda está situada no Bairro Lomba do Pinheiro, sendo este relacionado à atividade agropecuária, na zona rural de Porto Alegre. Sobre a Freguesia de Belém é importante salientar que:

O primeiro núcleo urbano na área rural de Porto Alegre foi a Freguesia de Belém⁴ local onde foi fundada a segunda paróquia da Vila Porto Alegre, em 1830. Foi elevada ao título de Freguesia somente em 1846, de acordo com a Lei nº 34, de seis de maio de 1846, passando a ser a segunda freguesia da cidade, local onde se registravam nascimentos, casamentos e enterravam-se os mortos (TATSCH, 2015, p.51).

Aos poucos, as vias de acesso à Fazenda Boqueirão mudaram suas nomenclaturas. Através de análises cartográficas e contrapondo os mapas referentes a região sul da cidade no século XIX é possível observar algumas alterações nas denominações, a saber:

O acesso à leste da Fazenda, a principal avenida de acesso ao bairro desde o século XIX e até primeira metade do século XX chamava-se Estrada da Tiririca. Somente através da Lei 7954, de 08/01/1997, passa a se chamar Estrada João de Oliveira Remião, em homenagem a um comerciante dono de um armazém no começo do século XX, vigorando até os dias atuais (FREIRE, 2000, p.60).

A história da família Remião, por sua vez, está vinculada à história da Fazenda Boqueirão, já que a área que sedia a fazenda ficou de herança para Edemar Remião, neto de João de Oliveira Remião e Rafaela Serpa, herdeira de Afonso Lourenço Mariante, filho de Manuel Lourenço, dono da antiga fazenda.

⁴ A Freguesia de Belém passa a se chamar Belém Velho só a partir de 1980 quando Belém Novo tem sua fundação no extremo Sul de Porto Alegre (TATSCH,2015, p.51).

Figura 5

AFONSO LOURENÇO MARIANTE E FAMÍLIA REMIÃO NA DÉCADA DE 1920

Fonte: Acervo Museu Comunitário Lomba do Pinheiro

Afonso não teve filhos, mas apadrinhou Rafaela, filha de uma empregada da casa, deixando seus bens a ela. Viúva de João de Oliveira Remião, já em seu segundo casamento, vende uma parte das terras e a outra parte fica de herança aos seus filhos e posteriormente ao seu neto:

Viúva, Rafaela casou-se novamente com João Grohmann e, ainda em vida, vende parte de suas terras com a sede da Fazenda Boqueirão à família Chaves Barcellos. Até este momento a família manteve parte das atividades produtivas da Fazenda – criava gado, plantava frutas, tinha roças de milho e mandioca e armazenamento de leite (ROSA, SOARES e SANTOS, 2009).

A parcela de terras que não foi vendida está a cargo da empresa Osmar Remião e Filhos LTDA, onde Edeimar Remião, único neto vivo de Rafaela e João de Oliveira Remião, é um dos principais sócios. Atualmente a empresa em parceria com a NextGroup⁵ está construindo um condomínio de alto padrão no local.

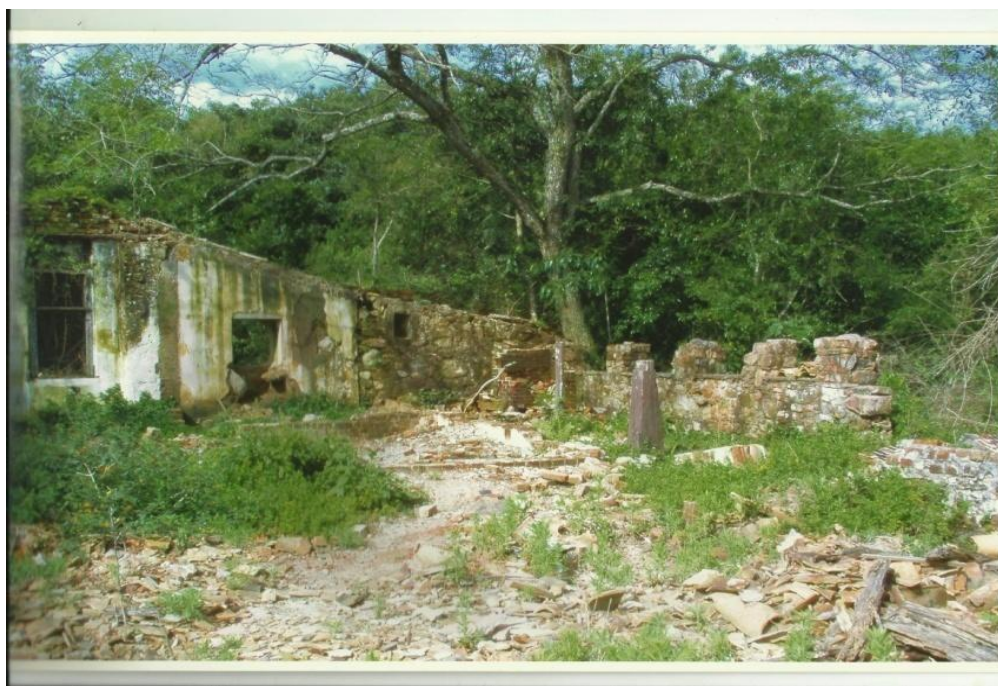
⁵

Em relação à construtora e ao condomínio ver no site: www.nextgroup.com.br

Essa construção gerou sérios impasses no Bairro, na medida em que o movimento da especulação imobiliária cresce depredando os espaços e os bens de um determinado local e, conseqüentemente, de uma comunidade. Nessa situação, a casa-sede da Fazenda, que até poucos anos estava bem preservada, passou a ser destruída, com o objetivo de expandir as obras do empreendimento. A esse respeito, uma história que corre de boca em boca entre os moradores é que a empresa construtora teria lançado uma história de que haveria um baú cheio de moedas de ouro enterradas sob a casa, como estratégia para incentivar a destruição da edificação.

Figura 6

RUÍNAS DA FAZENDA BOQUEIRÃO ANO 2010



Fonte: Acervo Museu Comunitário Lomba do Pinheiro

Essa destruição gerou um forte desconforto e grande descontentamento entre os moradores, especialmente aqueles que viviam no entorno do local e que se relacionavam diretamente com o espaço, por terem trabalhado nela, frequentado ou visitado.

Como já foi mencionado, essas pessoas estabeleceram diferentes relações com a história do lugar, daí surgindo narrativas que se repetem no cotidiano. E, desse modo, se a Fazenda Boqueirão for totalmente destruída pelo interesse imobiliário, esses moradores

perderão mais um vínculo que incentiva o sentimento de pertença dos moradores com seu território:

Ah, até sei alguma coisa de lá, mas é aquilo, né... sei o que se escuta. Moro a vida toda aqui na Lomba. Gosto daqui e meus pais sempre moraram aqui. A gente sabe umas histórias. Acho que essas histórias vêm porque aqui tem muita mata fechada e as pessoas ficam pensando que tem coisas.

Mas sei que faz muitos anos que existe essa tal fazenda. Parece que é dos primeiros moradores aqui da Lomba. Já ouvi dizer que moraram escravos lá. Tanto que tem gente que chama de senzala. Diz que tem uma piscina lá e que tem muito bicho, tipo cobra e até macaco.

Não sei se é verdade o que falam. Falam de uma tal de bica e que a água é boa. Aí depois inventam umas histórias falando que de noite dá prá escutar gente gritando lá. Deve ser os espíritos dos escravos (risos).

Mas eu acho muito legal que tenha esse lugar. Faz parte de nós, né?! A gente que mora aqui há tantos anos, que vê tudo isso aqui crescer... E bom saber que tem lugares de história aqui prá lembrar do passado. Pena que a gente não sabe muito a respeito, só sabe que tem.

Moradora Eliane Viegas, 42 anos, moradora do Bairro ⁶

Outros destacam a importância de se recuperar a história do Bairro, e apenas dizem que pouco sabem a respeito da Fazenda, a não ser a presença de escravos, recorrente nas narrativas:

Báh, sei do que tu tá falando. Da bica.

A gurizada vai seguir lá quando os calorões chegam. Mas não sei como conseguem se molhar naquelas águas. Tudo contaminada do lixão e dos esgotos aberto ali da vila.

⁶

Os nomes das pessoas foram preservados mediante consentimento prévio.

Báh, não sei te dizer bem o que tem de história lá. Uns falam de escutar os escravos. Dizem que tem uma árvore bem grande e que gente já se matou na árvore. É bom né, moça, saber que um bairro assim que nem o nosso tem um lugar com tanta história. Eu não sei se tudo o que falam é verdade, mas alguma coisa de verdade deve ter. Escutei esses tempos que levaram o tronco que ainda existia lá. É verdade?

Que sacanagem, não sabem cuidar das coisas! Já pensou se tudo ainda existisse nesse lugar, dava até prá virar museu (risos).

Mas báh! Acho tri isso. É importante prá gente saber das histórias, que a lomba não foi sempre como é hoje. Isso é legal. Essa gurizada devia saber mais sobre essas coisas. Que nós também temos história.

Morador Claudio Marcio, 37 anos, morador da ocupação Elo, próxima à Fazenda, parada 6

Em 1999 em um levantamento feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional (IPHAN) a área que sedia a Fazenda Boqueirão foi considerada e registrada como sítio arqueológico, recebendo a nomenclatura RS.JA-18 – Fazenda Lomba do Pinheiro. Já em 2010, pesquisas arqueológicas comprovaram, através dos vestígios de uma edificação e de materiais recuperados, a relevância histórica do local. Dentre os materiais encontrados destacam-se uma quantidade significativa de cerâmica de influência africana, com recipientes nunca antes vistos em sítios do município de Porto Alegre. Sobre a pesquisa realizada no ano de 2010 é importante ressaltar que:

[...] foi autorizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através da portaria nº. 42; processo nº 01512.000593/2008-62, publicado no Diário Oficial da União de 06 de janeiro de 2009, sob a responsabilidade técnica do arqueólogo Alberto Tavares Duarte de Oliveira. Renovada através da portaria nº. 14, publicado no Diário Oficial da União de 14 de junho de 2010 (OLIVEIRA, 2011, p.4).

Ainda sobre a investigação arqueológica:

O trabalho arqueológico foi contratado pelo Departamento Municipal de Água e Esgotos - DMAE da Prefeitura Municipal de Porto Alegre através da empresa COSATEL – Construções, Saneamento e Energia Ltda, e possui o endosso institucional do Museu Joaquim José Felizardo, órgão da

Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. Este projeto está inserido no “Programa de Arqueologia Urbana do Município de Porto Alegre, RS” desenvolvido pelo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo (OLIVEIRA, 2011, p.4).

Com o objetivo de proteger, valorizar e interpretar o patrimônio arqueológico pré-histórico e histórico existente no local, e buscando localizar, identificar e pesquisar elementos materiais de ocupações pretéritas (OLIVEIRA, 2011) as pesquisas arqueológicas ajudaram na compreensão do que foi a Fazenda Boqueirão nos séculos anteriores, pois os materiais arqueológicos encontrados auxiliaram a relacionar as informações documentais existentes juntamente com as histórias contadas por moradores do bairro.

Essas pesquisas contribuem com este trabalho, pois, possibilitam uma compreensão mais aprofundada acerca da história da Fazenda Boqueirão e comprovam que os moradores do bairro, principalmente os das vilas mais próximas à sede da fazenda, se relacionam com o espaço com propriedade, já que os mesmos, através de conversas com os pesquisadores, demonstraram deter conhecimento a respeito do local e em muitos momentos auxiliaram os pesquisadores através dos seus saberes.

Figura 7

VISITA ÀS RUÍNAS DA FAZENDA BOQUEIRÃO COM ALUNOS E PROFESSORES DO CURSO DE MUSEOLOGIA UFRGS, E MORADORES DO BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO ANO 2016



Fonte: Acervo Museu Comunitário Lomba do Pinheiro

Também ficou visível que esses sujeitos construíram um vínculo afetivo com a área da antiga fazenda, respeitando-a, seja por meio do poder que a historicidade desse espaço exerce sobre os indivíduos, ou pelas memórias que surgiram a partir da vivência desses moradores. Isso propicia o desenvolvimento de relações quiméricas, ou seja, que mesclam a fantasia com a realidade, e que são resultados da imaginação.

Assim, no capítulo seguinte, será apresentada uma reflexão acerca dos conceitos de memória e imaginário a fim de compreender como se desenvolvem essas ligações no caso da Fazenda Boqueirão, considerando que tanto a memória quanto o imaginário são ferramentas utilizadas por nós, seres humanos, imbuídos em valores, símbolos e imagens carregadas de vestígios sentimentais, emocionais e afetivos. Nele, se propõe uma discussão acerca dos conceitos de memória e imaginário, aqui utilizados para a compreensão da problemática que envolve esta pesquisa, acompanhados de narrativas dos sujeitos em relação à Fazenda.

3 MEMÓRIA, IMAGINÁRIO & IMAGINAÇÃO

Ao se falar sobre as memórias relacionadas à história da Fazenda Boqueirão faz-se necessário compreender que a memória está vinculada a uma construção psíquica e também intelectual, o que leva a uma seleção do passado, que não é somente aquela do indivíduo, e, sim, de um indivíduo inserido num contexto histórico, social e cultural.

Para Jacques Le Goff (1990) a memória é vista como propriedade de conservar informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990,p.45). Para o autor, a memória é o conjunto de elementos culturais, sociais e históricos que constituem as referências coletivas de um povo, recordar ou fazer recordar. O comportamento narrativo proporciona uma melhor assimilação, ou seja, faz concretizar uma memória plena, desencadeando na linguagem e memória, preservando o passado e o presente através de documentos e monumentos. A memória está inserida em um contexto familiar, social, nacional, histórico, onde se constitui em um elemento essencial da identidade, da percepção de si e de um grupo de pessoas.

Nessa perspectiva, o conceito de memória social será aqui analisado com base nos estudos de Maurice Halbwachs (2006), que se caracteriza por ser um dos primeiros intelectuais a falar sobre memória a partir da noção de que a mesma está em permanente construção e interação social. Diferenciando-se dos conceitos trazidos por Henri Bergson⁷, que define a memória como puramente individual, Halbwachs, no início do século XX, a identifica como uma construção social, ou seja, os indivíduos só se lembram do seu passado à medida que se colocam sob o ponto de vista de uma ou mais correntes do pensamento coletivo (SANTOS,2012, p.41).

Assim conforme Halbwachs (2006), a memória se divide em três formas de manifestação, ou seja, individual, social e coletiva. E acrescenta:

⁷BERGSON, Henri. **Matéria e memória** – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Sendo a memória um fenômeno social, sofrendo a influência do grupo em que o indivíduo está inserido, a memória individual conserva-se através da memória dos outros, daí a sociedade estar na sua origem. A memória social pertence a toda sociedade enquanto a *coletiva*, a grupos determinados (HALBWACHS, 2006, p.72).

Ele não desconsidera a memória individual, porém, acredita que essa memória só é possível quando há interação do indivíduo em seu grupo social, que mediante a memória coletiva fornece informações para que este se integre ao meio formando sua memória pessoal:

[...] a sociedade está presente na memória e vice-versa. O caráter central da memória é que ela é social. Desta forma, o indivíduo pensa (e lembra) a partir de grupos ao qual se vincula opondo-se à ideia de que a memória seria uma simples reconstrução e ou recordação do passado (HALBWACHS, 2006, p.98).

As memórias da Fazenda Boqueirão passam a estar presentes na memória individual dos sujeitos cercados por sua historicidade e se enquadram na concepção de Halbwachs, na medida em que foram constituídas a partir da interação entre uma memória comum, formada a partir da história inerente à Fazenda Boqueirão, e as memórias individuais dos sujeitos, que, ao se relacionarem com a história da Fazenda, passam a formar novas memórias tornando-as, individuais, porém, ao mesmo tempo, coletivas a um determinado grupo social. Ao analisar o conceito de Halbwachs a respeito de a memória ser social e coletiva, Bravin (2004) destaca que:

[...] a memória reatualiza o passado de acordo com a posição que o indivíduo ocupa no grupo e a partir de um lugar presente. O que vai levar à consolidação da ideia central na obra de Halbwachs de que a memória se constrói na relação do sujeito com o que está fora dele, constituindo a própria subjetividade, a partir de uma relação com o mundo. Torna-se fundamental compreender a memória como um fenômeno coletivo e social, construído na coletividade e submetido a mudanças constantes (BRAVIN, 2004, p.3).

O papel exercido pela memória coletiva, um sentimento de adesão afetiva a um determinado grupo, monumentos, símbolos, patrimônios arquitetônicos, datas e personagens históricos, é um dos pontos de referência que estruturam nossa memória individual e a insere dentro de uma memória comum. Sobre isso Bravin (2004) ressalta que:

É fundamental compreender a memória coletiva a partir dos quadros sociais nos quais ela se ancora e que irão materializá-la: a língua, o tempo e o espaço. Os grupos irão se servir desses mecanismos para lembrar e construir representações da memória compartilhada coletivamente. Essas construções, nomeações, enquadramentos são os próprios trabalhos da memória, que opera em movimentos duplos, lembrando e esquecendo, remetendo ao presente e ao ausente, dando novo sentido ao passado (BRAVIN, 2004, p.04).

E, prosseguindo, diz a autora:

Toda memória seria seletiva e um processo de negociação para conciliar as perspectivas individuais e coletivas. Desta forma, ele acentua o caráter uniformizador da memória coletiva, o que remete a um contexto de interação e produção de significados comuns para as lembranças (memórias) compartilhadas pelos grupos sociais. Ao compreender a memória como reatualização do passado no presente, Halbwachs nos fornece o primeiro *link* para pensarmos a memória como constituidora mesmo das identidades: é na reconfiguração do passado que a memória constrói as identidades (grupais, individuais, religiosas, étnicas, etc) ou os laços de identificação (BRAVIN, 2004, p.04).

Segundo Myrian Sepúlveda dos Santos (2002, p. 125) a memória é um assunto de muita complexidade, pois ao adentrarmos a “[...] noções mais específicas de memória como memória individual, memória social, atos coletivos de lembrar e esquecer, tradição, e traços de memória que oferecem abordagens diferentes e mais complexas [...]”, o conceito de memória deixa de se referir apenas à capacidade de lembrar o passado. De acordo com a autora, ocorreram três momentos distintos quanto ao entendimento de memória. Dentro do princípio de memória coletiva, dois grupos se destacam, sendo que o primeiro deles considera que:

[...] memórias individuais são determinadas por construções coletivas. Eles enfatizam a importância da esfera social, objetivam as construções coletivas da memória e procuram determinar sua estrutura e funcionamento de forma autônoma à intenção de atores sociais (SANTOS, 2002, p.126).

Já um segundo grupo relaciona a memória coletiva à ação do indivíduo na sociedade, a saber:

Não existem memórias individuais ou sociais, mas atos de lembrar e esquecer, que devem ser consideradas práticas ou ações humanas construídas socialmente. Além disso, eles vão rejeitar a ideia de que a memória seja capaz de recuperar um passado real [...], mas incorporando uma nova dimensão de temporalidade em suas análises e reabilitando a tradição historicista alemã ao admitirem que o ator social se encontra inserido em um momento único e particular (SANTOS, 2002, p.127).

E por fim, segundo a autora, a memória compreendida enquanto às noções de indivíduo, sociedade e tempo:

Alguns autores ligados a uma abordagem psicanalítica enfatizam a construção do passado no presente e a possibilidade de uma análise objetiva destas ações sociais [...] A memória vai representar não a ida ao passado, mas exclusivamente a presença deste no presente através de dilemas éticos e morais (SANTOS, 2002, p.127-128).

De acordo com os aspectos já mencionados em torno do conceito de memória, se pode considerar que “[...] a memória coletiva, será aquilo que uma determinada comunidade seleciona para trazer ao presente o passado comum, utilizando para esse efeito o patrimônio que essa mesma comunidade elege como representativo da sua identidade” (CAFÉ, 2007, p.40).

Ao se adentrar o conceito de imaginário, observa-se que tal conceito vem sofrendo ressignificações e tem sido tema de discussões acadêmicas frequentes, já que diferentes áreas das ciências humanas debatem o assunto, dentre elas a área da História, que hoje se encontra mais sensível ao que se refere ao campo do simbólico. Nesse sentido Espig (2003/2004) coloca que:

[...] observamos um significativo aumento dos estudos na área de história cultural, verificando-se a abertura de novos campos para o historiador. Estudando ritos, símbolos, práticas, apropriações, leituras, representações, enfim, uma grande variedade de fenômenos referentes à subjetividade do agente histórico, a história cultural atual (ESPIG, 2003/2004, p. 50).

Sobre história cultural, a autora afirma que “[...] distingue-se da história cultural dita “tradicional” justamente pela tentativa em ultrapassar antigos preconceitos e pela expansão do próprio conceito de cultura” (ESPIG, 2003/2004, p. 50). A historiadora ainda se utiliza da perspectiva de Peter Burke sobre a importância da história cultural, onde o

mesmo propõe o modelo do encontro, ou seja, destaca a importância de que a história estude os encontros e interações entre diferentes culturas, evitando um discurso homogeneizante. Estes estudos se situariam nas fronteiras culturais, tema complexo e envolvente para muitos historiadores (BURKE, 2000).

Justamente por ser um conceito polissêmico, discutido por diferentes áreas e autores, falar sobre imaginário tem sido cada vez mais necessário. Sandra Pesavento (1995) compilou e analisou em seu artigo: *“Em busca de outra história: imaginando o imaginário”*, algumas das contribuições dos principais autores que trabalham com o conceito de imaginário, e destaca que:

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos, onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Dentro do contexto da Fazenda Boqueirão, o imaginário se constitui da relação sujeito e objeto, ou seja, quando instigados as suas memórias em torno da Fazenda (objeto), os moradores (sujeito) trazem, junto a essas memórias, “histórias” que foram se estabelecendo a partir da relação entre o real e o subjetivo. Dentro dessas “histórias”, normalmente as que mais se destacam estão relacionadas ao fato de que na antiga Fazenda havia escravos, como mostram os relatos e desenhos de moradores de diferentes idades.

Acho muito bom vocês estarem pesquisando nossa história. É muito importante. Bom seria se todo mundo soubesse das histórias do seu bairro.

Sabe que eu sei dessa fazenda. Parece que é muito antiga. Que tá aqui na Lomba desde que descobriram a Lomba. Hoje já não tem muitas coisas. Já tá tudo meio destruído. Mas ainda tem um pouco das paredes da casa, tem uma piscina, e ainda se encontra por lá os azulejos e restos da casa pelo chão.

Eu sei de história de escravo. Como eles eram grandões, né, os rico tinham os escravo prá trabalhar prá eles. Mas as vezes eles judiavam deles. Batiam. Isso é horrível, não gosto nem de pensar.

Moro há anos aqui na parada 3. Já escutei falarem que se escuta os escravos gemendo, e que até dá prá escutar eles batendo nas coisas. Já escutei que se escuta barulho de cavalo, lá também. Não sei se é verdade.

Eu há uns anos atrás até fui lá. Entrei ali pela vilinha, sabe?! Tem uma trilhazinha. Ainda tava uma parte da casa de pé. E cheio de mato. Quando eu fui lembro de ver coisas de batuque lá. Acho que eles fazem uns ritual lá porque tem a ver com os escravo também, né?!

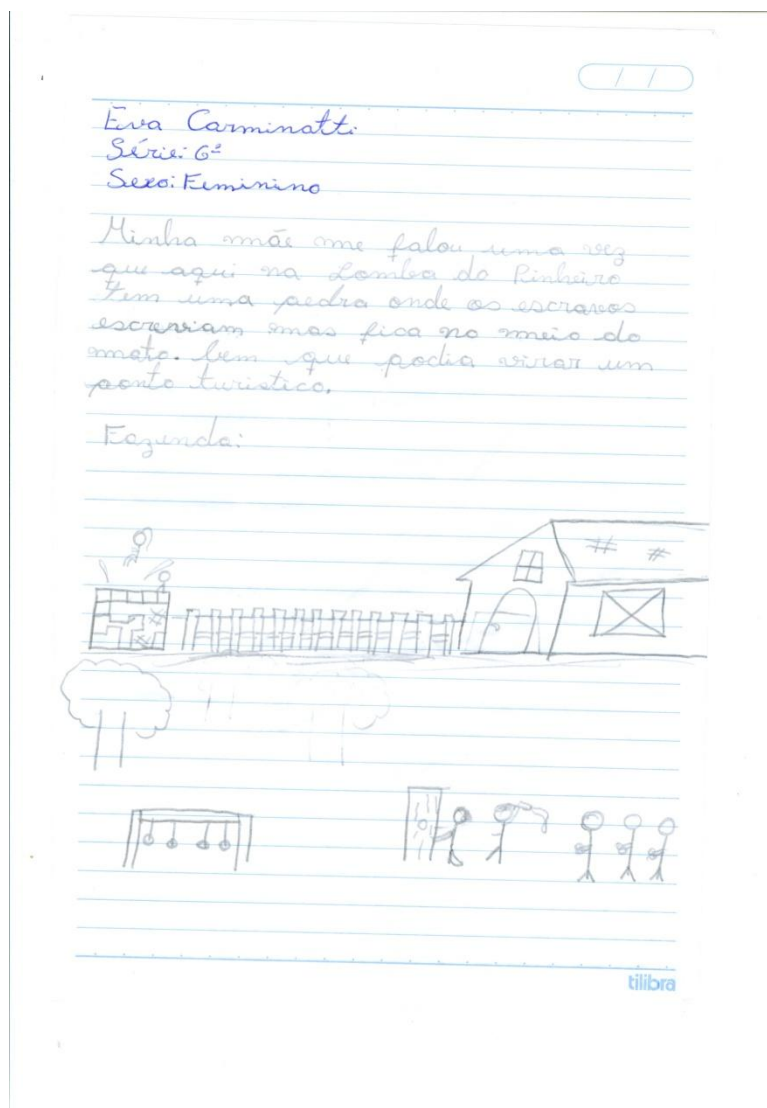
Mas acho muito bom que ainda exista lugares assim. Pra nós aqui é importante. As pessoas eram que tinham que cuidar mais, dá valor pra isso. Porque é isso que vai ficar pros nossos filhos, netos. Como eles vão saber como eram as coisas antes da gente se destruir tudo. E tu vê, né... A lomba tá crescendo muito. Daqui a pouco não vai sobra nada prá gente lembrar como era antigamente.

Ednea Viegas, 39 anos; Moradora do Bairro.

Essa história se faz tão presente para os moradores que os mesmos não se referem a fazenda como Fazenda Boqueirão, e sim, como *Fazenda Senzala*. Nesse contexto, o

imaginário entra como um fator que potencializa o surgimento de novas histórias e memórias, em que se instituiu uma determinada imagem sobre o local.

Figura 9
DESENHO DE ALUNO DA 6ª SÉRIE



Fonte: Da pesquisadora

Acompanhando a figura 9, acima, a aluna apresenta o seguinte relato:

Minha mãe me falou uma vez que aqui na Lomba do Pinheiro tem uma pedra onde os escravos escreviam, mas fica no meio do mato. Bem que podia virar um ponto turístico

Aluna da sexta série da EEEF Eva Carminatti

O conceito de imagem, por sua vez, é apresentado por Laplantine e Trindade (2017, p.3. doc. digital⁸) como: “Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo” (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.3, doc. digital). Seguindo esse raciocínio é importante considerar as diferenciações entre imagem e símbolo, que segundo os autores:

Tanto a imagem como o símbolo constituem representações. Essas não significam substituições puras dos objetos apresentados na percepção, mas são, antes, reapresentações, ou seja, a apresentação do objeto percebido de outra forma, atribuindo-lhe significados diferentes, mas sempre limitados pelo próprio objeto que é dado a perceber. É necessário examinar a natureza mesma da relação social na qual a representação, como imagem ou símbolo, irá atuar (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.4, doc. digital).

Ainda sobre imagem e símbolo:

Esses conceitos encontram-se presentes nas metodologias e hermenêuticas (teorias das interpretações) fenomenológicas e cognitivas, quando o enfoque é dado nos significados que os homens, ao nível consciente de suas motivações, interesses e intenções, atribuem às imagens mentais ou concretas. Os homens atribuem significados aos objetos. A ideia como representação mental de uma coisa concreta ou abstrata é considerada como o elemento consciente do universo simbólico (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.5, doc. digital).

Também há diferenciações e relações entre o simbólico e o imaginário. “O simbólico comporta um componente racional real e representa o real ou tudo aquilo que é indispensável para os homens agirem ou pensarem” (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.06, doc. digital). Já o imaginário “[...] faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida, mas apenas ocupa uma fração do campo da representação, à medida que ultrapassa um processo mental que vai além da representação intelectual ou cognitiva” (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.08, doc. digital).

⁸ Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/laplantine-francois-et-trindade-liana-o-que-e-imaginario-colecao-primeiros-passospdf.html>. Acesso em junho de 2017

Para tanto o imaginário entra como um complemento do que denominamos de real. Assim para Laplantine e Trindade (Doc. Digital):

[...] o processo do imaginário é preciso mobilizar as imagens primeiras, como dos homens, cidades, animais e flores conhecidas, libertar-se delas e modificá-las. Como processo criador, o imaginário reconstrói ou transforma o real. Não se trata, contudo, da modificação da realidade, que consiste no fato físico em si mesmo, como a trajetória natural dos astros, mas trata-se do real que constitui a representação, ou seja, a tradução mental dessa realidade exterior (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.9, doc. digital).

Considerando que o imaginário está impregnado de elementos que agregam ao real maior complexidade, pode-se dizer que no caso da Fazenda Boqueirão, a relação imagética estabelecida está interligada aos sentidos, emoções, vestígios, sentimentos, afetos, imagens, símbolos e valores ressaltando que “[...] pelo Imaginário o homem constrói-se, e constrói. Sendo assim é por meio do Imaginário que o ser encontra reconhecimento no outro e conhece a si mesmo” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 14). Sendo assim afirma-se que:

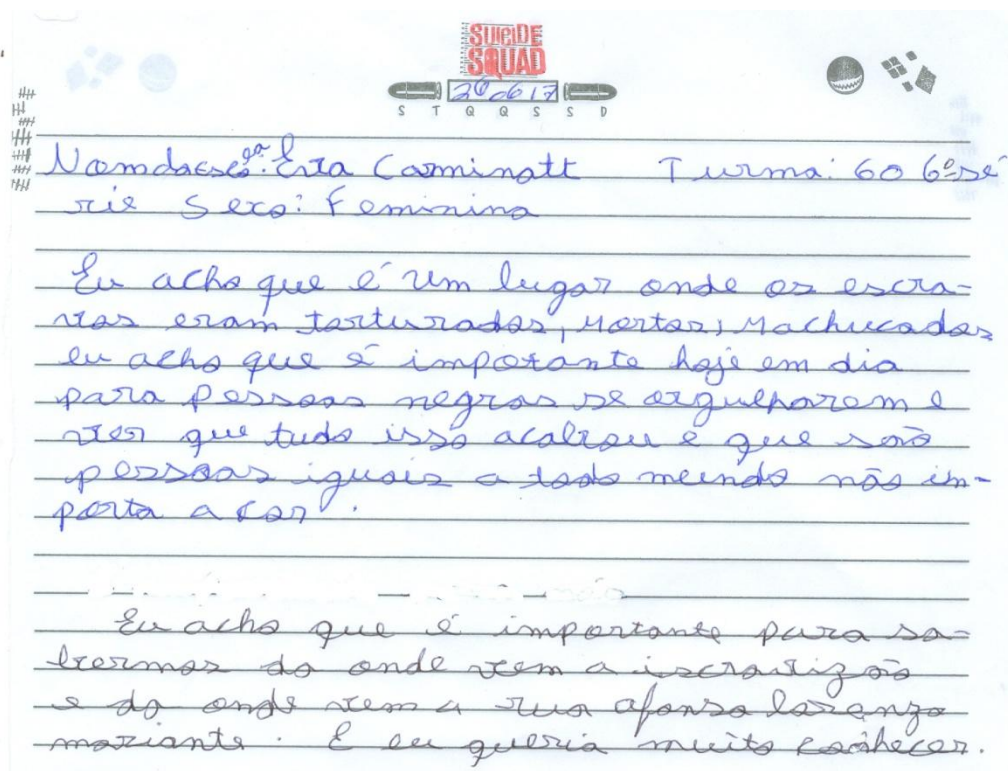
[...] o imaginário é um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. O imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real (LAPLANTINE E TRINDADE, 2017, p.29, documento digital).

Considerando os conceitos acerca de memória e imaginário torna-se claro que “memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra constituem, na ordem de valores, comunhão da lembrança e da imagem” (BACHELARD, 1978, p. 200). Nesta pesquisa, a memória relaciona-se com o imaginário à medida que, ao serem remetidos à Fazenda Boqueirão, os moradores trazem uma lembrança que não está diretamente associada à sua realidade. Ao mencionarem a Fazenda o primeiro a ser lembrado é um dado histórico referente ao local que ganha uma nova perspectiva a partir da imaginação desses moradores.

Ao lembrarem que na Fazenda havia escravos, os moradores criaram novas histórias, que competem ao campo imagético, como por exemplo, quando mencionam que se escutam vozes, barulhos de correntes e que o lugar é protegido pela “alma” dos escravos que ali moraram. Essas novas histórias agregaram um valor simbólico ao local onde hoje se encontram as ruínas da Fazenda.

Os moradores passam a “respeitar” esse espaço, devido ao que ele representa para a história do bairro, mas principalmente por se sentirem pertencentes a esse contexto, como mostra a figura abaixo:

Figura 10
TEXTO DE ALUNO DA 6ª SÉRIE



Fonte: Da pesquisadora

Acompanhando a imagem, a aluna ressalta:

Eu acho que era um lugar onde os escravos eram torturados, mortos, machucados. Eu acho que é importante hoje em dia para pessoas negras se orgulharem e ver que tudo isso acabou e que são pessoas iguais a todo mundo e não importa a cor. Eu acho que é importante

para sabermos de onde vem a escravização e de onde vem a Rua Afonso Lourenço Mariante. E eu queria muito conhecer.

Aluna da sexta série da EEEF Eva Carminatti

Assim, seguindo essa perspectiva, o próximo capítulo será direcionado à análise de como essa relação entre memória e imaginário fomentam o sentimento de pertencimento e a identidade desses indivíduos.

4 TERRITÓRIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA & IMAGINAÇÃO

Depois da análise dos conceitos de memória e de imaginário utilizados para esta pesquisa, faz-se necessário abordar o conceito de território, partindo da ideia de que o mesmo, assim como a memória, está associado à concepção de identidade.

Para tanto vale lembrar que autores como Le Goff, Pollak e Hallbwachs, por exemplo, não dissociavam memória de identidade. Ao contrário, fomentavam a ideia de que ambos os conceitos estão interligados. Pollak (1992) dizia que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência do grupo em sua reconstrução em si (POLLAK, 1992,p.76).

Ao se pensar sobre as memórias relacionadas à Fazenda Boqueirão, evidencia-se que as mesmas auxiliam no processo identitário dos moradores da região. Os grupos que moram nas proximidades da Fazenda e que possuem um vínculo com a historicidade do local, passam a se reconhecer nessas memórias, apropriando-se de certas representações que ao mesmo tempo estão vinculadas individualmente na memória de cada morador, mas que também constituem um sentimento comum a esse grupo, que passa a se identificar nas memórias compartilhadas.

Quando se fala sobre território, a primeira ideia que vem à mente parte de uma noção espacial. Para os ocidentais, o conceito de território inicialmente foi associado à base física dos países, incluindo o solo, o espaço aéreo e as águas territoriais, direcionando o pensamento para uma dimensão geográfica. Contudo, nas sociedades indígenas, por exemplo, o fundamental é o sentimento de identidade com a Terra-Mãe, sentimento esse baseado no conhecimento, no patrimônio cultural e nas relações sociais e religiosas que esses povos guardam com aquela parcela geográfica (ALBAGLI, 2004).

Ao se pensar no caso da Fazenda Boqueirão e nas relações estabelecidas entre esse espaço e os grupos que se apropriam dele, é fundamental que se remeta ao conceito de território através do sentimento de pertencimento, que está interligado ao conceito de identidade. O conceito de território é associado a uma dimensão de apropriação e/ou sentimento de pertencimento, seja esta apropriação no sentido de controle efetivo por

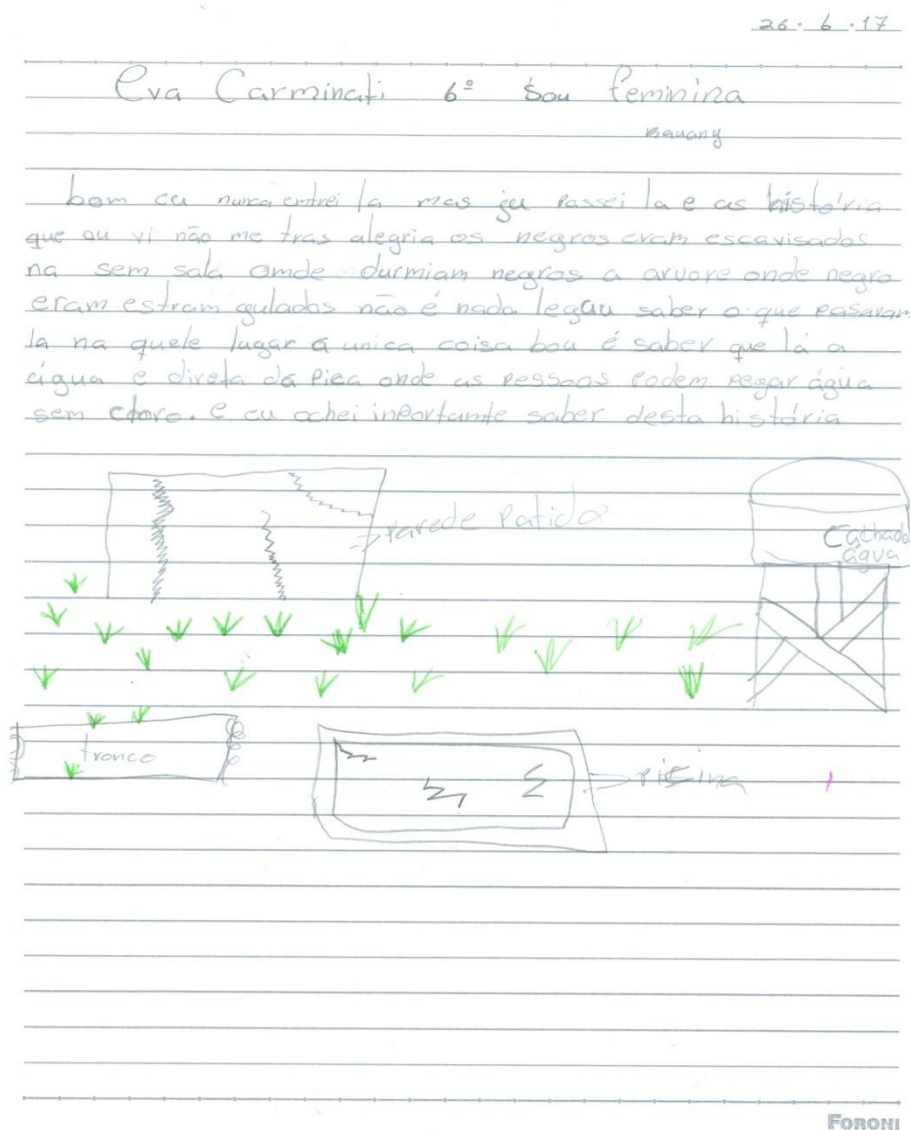
parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço, seja na apropriação mais afetiva de uma identidade territorial (HAESBAERT, 2004)

Sobre isso, o autor ressalta que o território pode ser compreendido nas mais variadas formas e dimensões, podendo ser analisado sob a perspectiva da dimensão material-concreta (política, econômica) e/ou por uma dimensão subjetiva e/ou simbólica:

[...] sempre e ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de 'controle simbólico' sobre o espaço onde vivem e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (HAESBAERT, 1997, p. 42).

Percebe-se, assim, que o conceito de território para Haesbaert (1997) tem caráter duplo, pois se constitui de elementos simbólicos e concretos. Pode-se inferir daí que, no caso da Fazenda Boqueirão, o concreto está relacionado ao local específico onde ainda existem vestígios das ruínas da antiga Fazenda, juntamente com as relações estabelecidas a partir da memória e do imaginário daqueles que, de certa forma, se apropriaram do lugar.

Figura 11
DESENHO DE ALUNO DE 6ª SÉRIE



Fonte: Da pesquisadora

O trecho abaixo refere-se à produção textual que acompanha a Figura 11:

Bom eu nunca entrei lá, mas já passei lá e as histórias que eu vi não me traz alegria. Os negros eram escravizados na senzala, onde dormiam os negros. A árvore onde os negros eram estrangulados não é nada legal saber o que passaram lá naquele lugar. A única coisa boa é saber que lá a água é direta da bica onde as pessoas podem pegar água sem cloro. E eu achei importante saber dessa história.
Aluna da sexta série da EEEF Eva Carminatti.

No caso da figura número, 11 a aluna descreve duas situações. Uma delas ligada a história da Fazenda Boqueirão, mostrando mais uma vez que o fato de que na antiga Fazenda havia escravos ainda se faz presente no cotidiano desses moradores, provavelmente porque esses moradores se identificam com essa história que acaba sendo fomentada através das relações imagéticas estabelecidas. Posteriormente a aluna traz um dos novos usos do território. Como mencionado, existe um lugar dentro do espaço que sediava a Fazenda que atualmente é conhecido como “bica”⁹, onde muitos jovens e crianças costumam brincar no verão, ou seja, uma ocupação diferenciada do espaço que possibilita o surgimento do sentimento de pertença.

São muitas as definições sobre o conceito de território. Todas essas abordagens diferenciadas vão de acordo com os métodos e concepções de cada pesquisador/autor. Contudo, vale ressaltar que o território surge a partir das relações sociais, relações que não são neutras ou livres de tensões e conflitos. Isso permite que se afirme que tal emergência é produto de relações de poder exercidas em vários níveis da cadeia social. O poder manifesta-se nas diferentes formas de ocupação e uso dos espaços regionais e locais (OLIVEIRA; PERAFÁN, 2013, p.9).

Nesse sentido, Haesbaert (1997) utiliza os conceitos de Henri Lefebvre, que considera o território dentro das definições de espaço dominado e espaço apropriado. Conforme o filósofo e sociólogo francês: “[...] através das práticas sociais e das técnicas, o espaço natural se transforma e é dominado [...] quando ocorre à dominação do espaço natural para servir às necessidades de um grupo, este se apropria dele” (LEFEBVRE, 2000, p. 191-192).

Haesbaert (1997) identifica o território de maneira mais integradora, uma vez que “[...] esse corresponderia pelo conjunto de nossas experiências ou, em outras palavras, relações de domínio e apropriação, no/com/através do espaço” (HAESBAERT,1997, p.78).

No campo das Ciências Sociais, o conceito de território tem sido discutido e pesquisado a partir de três vertentes. A primeira, denominada de jurídica política, que se vinculam as relações entre espaço-poder institucionalizado, onde o território normalmente está vinculado a um poder estatal. Uma segunda vertente tem como base o conceito de

⁹ Bica é sinônimo de: fonte Informação extraída de: <https://www.dicio.com.br/bica-2/> Acesso em julho de 2017.

território ligado a uma raiz econômica, e analisa o território como uma fonte de recursos. E a terceira vertente, por sua vez, o analisa como uma vertente cultural ou simbólico-cultural. Sobre essa terceira vertente, Haesbaert (1999) destaca que a mesma prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, sendo o território definido como o produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço e da memória.

Figura 12
TEXTO DE ALUNO DE 6ª SÉRIE

Rafaela Remião
Série 6ª
Jermimino

Eu imagino que como tem escravos eles maltratava os escravos. Mas eu acho que deixou história porque não é em qualquer Bairro que tem senzala e ao mesmo tempo interessante porque ela tem a sua história.

Fonte: Da pesquisadora

Na figura 12 uma aluna da sexta série da EEEFM Rafaela Remião traz o seguinte relato:

Eu imagino que como tem escravos eles maltratavam os escravos. Mas eu acho que deixou história porque não é em qualquer bairro que tem senzala e ao mesmo tempo interessante porque lá tem a sua história.

Aluna da sexta série da EEEFM Rafaela Remião

Essa última vertente está diretamente vinculada à proposta deste trabalho, pois os moradores do bairro Lomba do Pinheiro, especificamente aqueles que residem próximo à sede da antiga Fazenda, se apropriam do seu entorno a partir das relações pessoais e interpessoais estabelecidas através das vivências de cada sujeito com o espaço no qual estabelecem trocas de saberes e fazeres. Seguindo a ideia do território visto a partir da vertente simbólico-cultural, sabemos que:

Os territórios vão além de um espaço geográfico delimitado por regras político-administrativas e representam nosso espaço de vida. Ele é um espaço construído pelas relações que estabelecemos e a partir das quais é possível alcançar nossos objetivos, assim como contribuir com os objetivos dos outros (OLIVEIRA; PERAFÁN, 2013, p.8).

Vale ressaltar que o conceito de território e espaço estão interligados, embora não representem a mesma coisa. Segundo Claude Raffestin (1993) “[...] o território é fruto de uma ação programada de um sujeito que se apropria concreta e/ou simbolicamente do espaço. De forma que ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa esse espaço” (RAFFESTIN, 1993, p.143).

O autor ainda define territorialidade como o conjunto de relações mantidas pelo homem, enquanto pertencente a uma sociedade, com a exterioridade e a alteridade, com ajuda de mediadores ou instrumentos (RAFFESTIN, 1988). Pensar sobre as relações que se pode estabelecer a partir da apropriação de um território e saber que é por meio da interação social, das relações materiais e imateriais que esses territórios adquirem uma identificação agregando um sentimento de pertencimento aos sujeitos, fazendo com que os mesmos reconheçam, compreendam e promovam, não só o território em si, mas um território onde suas trajetórias, histórias e memórias agregam uma real significância à um determinado espaço.

Considerando as potencialidades subjetivas associadas ao conceito de território e que o mesmo está em uma constante relação com símbolos materiais e imateriais, Mathias Bossé (2004, p. 158), em sua visão mais simbólica sobre território, afirma que: “[...] historicamente os geógrafos se interessavam particularmente pela identidade dos lugares

e pelos papéis que estes desempenham na formação de consciências individuais e coletivas”.

Adentrando a relação território/ identidade e vice-versa, considera-se a noção de identidade territorial de acordo com Haesbaert (1999, p.172), que a define como: “[...] a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta”.

Ainda sobre identidade territorial, o autor afirma que “[...] as identidades só são territoriais quando sua estruturação depende da apropriação simbólica no/com o território” (HAESBAERT, 1999: 179). E, ao considerar que os conceitos de território, memória e identidade estão diretamente associados, e que eles permanecem em permanente interação e construção social, ele ressalta que:

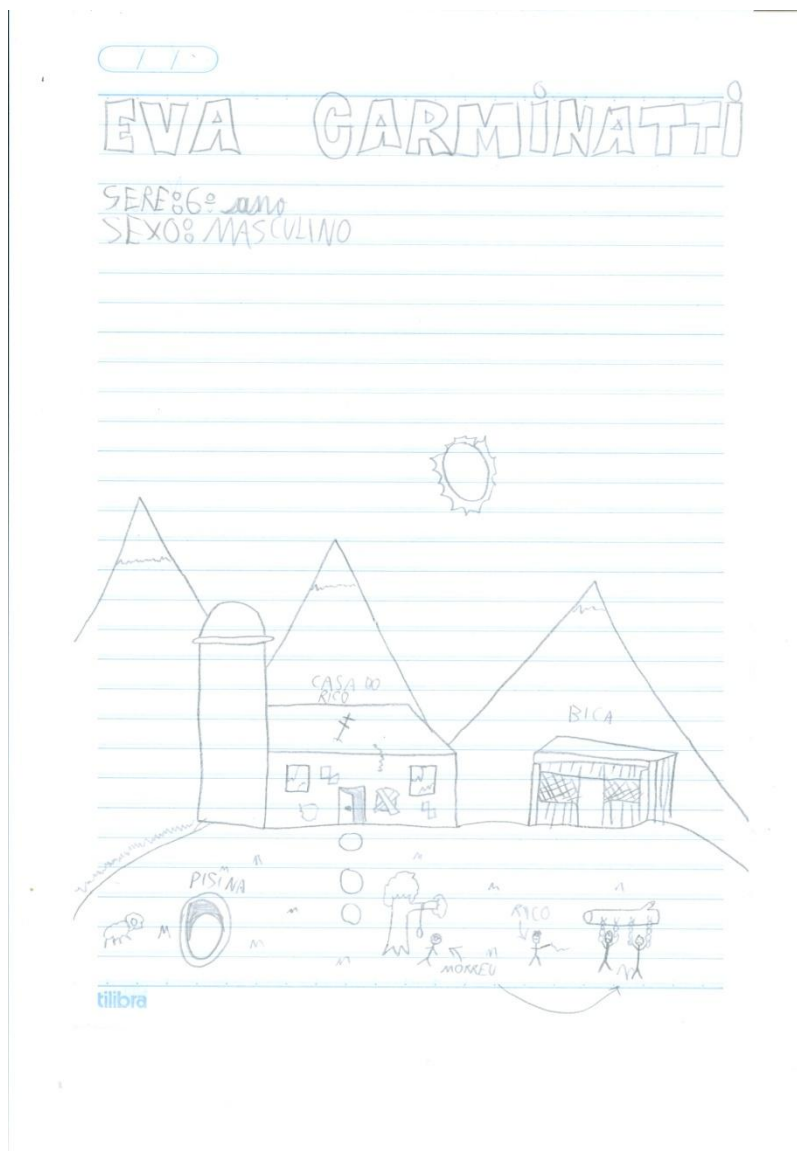
A construção das identidades territoriais possui duas dimensões, uma ancorada na memória coletiva, construída em torno do passado para confirmar uma diferenciação e construir, com maior sucesso, uma identidade. E outra ancorada nos referenciais espaciais, tanto do passado como do presente que podem ter várias origens (HAESBAERT, 2007, p. 45).

A identidade territorial se dá quando o sujeito em relação com o espaço (território) estabelece um vínculo de pertencimento e identificação, o que pode ser de origem subjetiva ou concreta. Cada pessoa cria vínculos e estabelece ligações com o seu meio, podendo ser em um aspecto mais geral, onde um grupo grande de pessoas passa a se identificar tendo um vínculo em comum. Nesse sentido, utiliza-se a Fazenda Boqueirão para exemplificar como os símbolos materiais ou imateriais permitem que cada um se identifique dentro de uma mesma cultura, ou, em um aspecto menor. No caso, um pequeno grupo de pessoas passa a estabelecer uma relação identitária tendo como base um local específico inserido dentro do Bairro.

Abaixo a representação de um dos alunos que integraram a investigação, onde o mesmo esboça na ilustração sua imagem em relação à Fazenda Boqueirão. Aqui podemos evidenciar que o imaginário vinculado à história da antiga propriedade ganha potencial a medida que esses moradores mesclam sua realidade social à realidade vivida pelos

escravos que ali moraram e trabalharam. Essa relação de identificação faz com que os sujeitos se sintam pertencentes dentro da historicidade da Fazenda.

Figura 13
DESENHO DE ALUNO DE 6ª SÉRIE



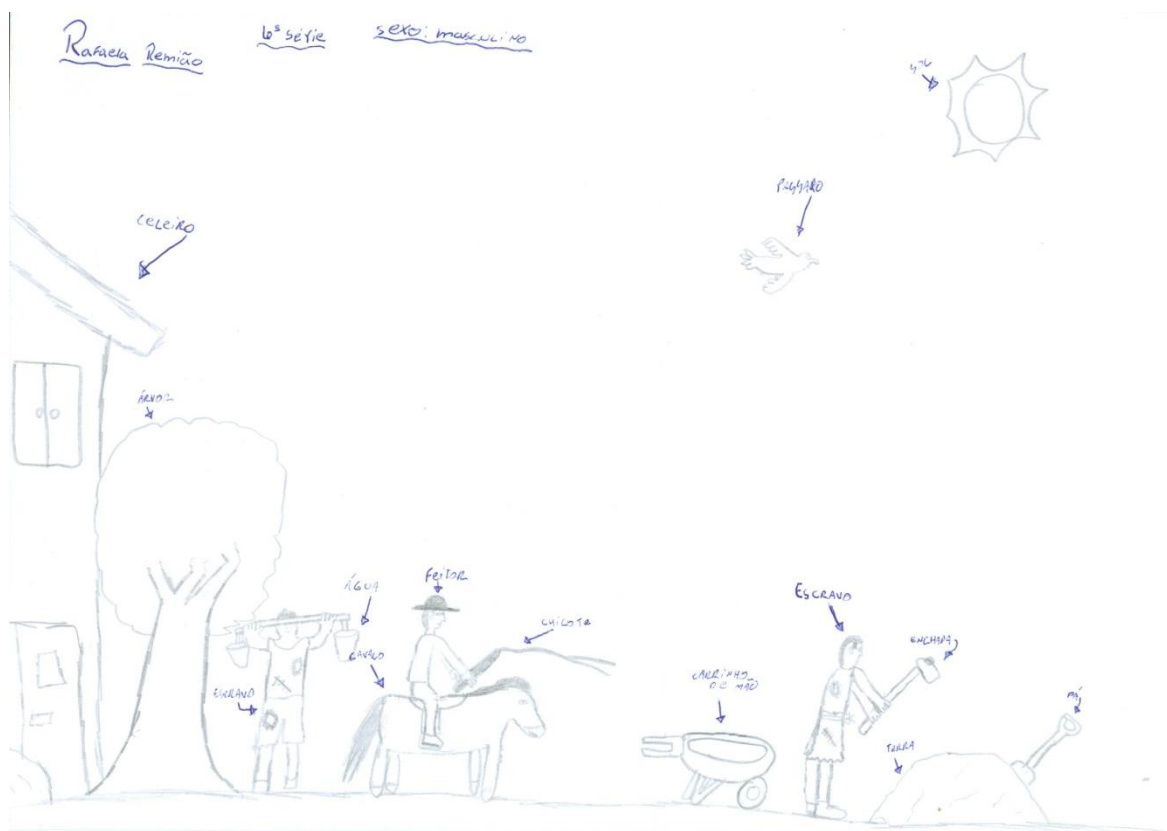
Fonte: Da pesquisadora

No caso aqui analisado, os moradores do Bairro compartilham de diferentes realidades, diferentes histórias, embora os mesmos possuam vínculos em comum, pois,

moram no mesmo bairro e dividem as mesmas problemáticas, mesmo que cada um se posicione conforme sua realidade, suas vivências e visões de mundo. Todavia, aqueles que se apropriaram por meio da historicidade e das novas ressignificações e usos do próprio espaço, onde hoje existem as ruínas da antiga Fazenda Boqueirão, agregaram mais um fator identitário. Isso porque as pessoas se reconhecem e compartilham memórias a partir desse local.

Além do mais o Bairro em si caracteriza-se por ser um bairro da periferia da cidade de Porto Alegre e seus moradores sofrem, muitas vezes, com estigmas negativos, por fazerem parte de um “território marginalizado”. Abaixo, a representação de um aluno da EEEFM Rafaela Remião. Quando instigado sobre a relevância da Fazenda Boqueirão o mesmo considera que tal espaço é significativo para o bairro devido a sua história, mas especificamente devido à resistência dos negros escravos que ali viviam e trabalhavam.

Figura 14
DESENHO DE ALUNO DE 6ª SÉRIE



Fonte: Da pesquisadora

Ao se apropriarem da história da Fazenda Boqueirão e da importância que o local tem para a própria história do Bairro, esses sujeitos transformam positivamente seu olhar em torno da sua realidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento. Além disso, ao se relacionarem com o local onde era a antiga fazenda, novas histórias e memórias possibilitam diferentes formas de agregar valor cultural, simbólico ainda mais significativo à região. Trata-se, em síntese, da construção da identidade, que Perico (2009, p.63) assim define:

Um grupo cultural se expressa diante de estímulos externos, diferenciando-se de outros. Essa exceção é a manifestação de sua identidade, dos traços distintos que possibilitam o reconhecimento e a diferenciação diante de situação concreta num momento específico. A identidade se fundamenta na cultura, mas não é a cultura. A cultura é inerente a um grupo; a identidade se manifesta como ação social e coletiva concreta frente a outro (s). A cultura une um grupo; a identidade o diferencia de outro. (PERICO, 2009, p. 63).

Assim como definir os conceitos já discutidos de memória, imaginário e território não foi tarefa simples, conceituar identidade já que o tema é bastante complexo. Trata-se de um conceito polissêmico, que se modifica conforme diferentes áreas e perspectivas de pesquisadores/autores.

Para Café (2007, p.35), O conceito de identidade pode relacionar-se à “[...] noção de identidade individual, coletiva, cultural, local, regional, nacional [...]” (CAFÉ, 2007, p.35). Vale ressaltar, nesse sentido, que a identidade local, assim como a identidade cultural estão vinculadas a sentimentos de pertença de um grupo específico ou mesmo por um único sujeito. Conforme Moreira (1992, p.73), identidade local seria “[...] um sentimento de pertença, uma mistura de possessão e de identificação face aos diversos elementos que constituem um determinado espaço”.

Na vida de cada pessoa estão presentes lugares, espaços que, ao se fazerem tão presentes e necessários, passam a influenciar, e até mesmo construir e reconstruir, objetivamente ou subjetivamente, identidades que podem ser sociais ou culturais. Sobre isso Café (2007, p.36) diz que: “[...] a identidade cultural, se relaciona com o sentimento de pertença de um grupo social ou cultural, ou de um sujeito/indivíduo, e influencia por sua vez ela própria o indivíduo no seu grupo ou cultura”. E o autor prossegue:

[...] a identidade cultural adquirida pela vivência social de um sujeito alia-se, inevitavelmente à identidade pessoal. Assim, um indivíduo possui uma identidade pessoal e uma identidade coletiva ou cultural (que o relaciona com os demais sujeitos com quem interage diariamente) e que estará na base das identidades locais (CAFÉ, 2007, p.36).

A apropriação e os novos usos dados pelos moradores do Bairro ao local onde era a Fazenda Boqueirão gerou, quase que involuntariamente, o surgimento de um sentimento de pertencimento. Isso porque os grupos que se relacionam diretamente com o espaço passaram a formar novos vínculos, novas memórias e histórias que passaram a fazer parte não só da história de cada indivíduo, mas também da história e da memória do Bairro. Esse sentimento de pertencimento trouxe consigo um vínculo comum a esse grupo. Isso corrobora o que o autor afirma:

[...] deste modo, que a identidade é relacional, pois estabelece a ligação entre um indivíduo e o seu meio e relaciona-se com a trajetória vivencial pessoal de cada indivíduo, pois os indivíduos, nas suas demais experiências de socialização, mantêm geralmente uma identidade associada aos seus grupos de referência (como a família, etnia, região, religião, vizinhança...) permitindo aos indivíduos uma permanente reconstrução da sua identidade (CAFÉ, 2007, p.36).

Complementando, o autor ressalta que: “[...] pode-se considerar que a identidade, num dado momento, quer seja individual ou coletiva, torna-se num processo e não numa estrutura” (*Op.cit, loco citato*). Segundo ele, sendo ela social e/ou cultural, ainda pode estar relacionada a outro elemento, que é aquilo que se define como paisagem.

Para a definição de paisagem, utiliza-se a conceituação de Gonçalo Ribeiro Telles (2004) que a descreve como: “[...] a paisagem é a expressão do espaço que é vivido pelo Homem, é a imagem, a expressão física, a visualização do espaço [...]. Representa a identidade cultural do País e a natureza equilibrada da instalação da população” (TELLES, 2004, p.5).

Vale considerar que os territórios são compostos por uma paisagem, natural ou não. Isso se deve ao fato de que “[...] a paisagem revela as vivências e produtos da sociedade (agricultura, floresta, urbanismo...) e por isso é legítimo ver na construção da paisagem o espelho da identidade social que naquele espaço se encontra fixado (CAFÉ, 2007, p.36)”.

Como a identidade está atrelada ao território, à memória e à história de um lugar, e ao se considerar que os símbolos sociais e culturais participam da formação de um processo identitário, para os moradores do bairro Lomba do Pinheiro a história da Fazenda Boqueirão contribui para a formação da identidade individual e coletiva dos moradores, uma vez que “[...] a identidade traduz uma vivência, uma herança social e/ou histórica, comunica a sabedoria tradicional às gerações atuais” (CAFÉ, 2007, p.38). E, nesse sentido, prossegue o autor:

A identidade será um padrão orientador da sociedade que caracteriza a comunidade que a reproduz, refletindo e partindo do patrimônio (natural e cultural / tangível ou intangível). Por isso, falar de identidade cultural é falar de todo o tipo de patrimônio com que a comunidade se relaciona e pela qual é determinada (CAFÉ, 2007, p.38).

É a partir de um vínculo comum, uma memória coletiva que a identidade social, cultural e/ou territorial adquire personalidade e potencialidade. Stuart Hall (2005) contribui da seguinte maneira:

[...] todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Elas possuem suas “geografias imaginárias”, suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, como também suas localizações no tempo, nas tradições inventadas que ligam o passado e o presente [...] (HALL, 2005, p. 72).

Como mencionado anteriormente Haesbaert (2007) considerava que a identidade territorial está relacionada à memória coletiva, pois a mesma parte do pressuposto de uma origem comum, de características partilhadas entre grupos e sujeitos com um mesmo ideal, ou com algo que seja comum a todos, uma vez que “[...] o passado transforma-se em uma narrativa não fixa e permeável pelos interesses do presente, pois, ao reconstruirmos o passado de um povo, esquecemos e lembramo-nos dos fatos, informações e interpretações que nos interessam para reafirmar uma identidade (DEALTRY, 2002, p. 190)”.

Assim, dentro do contexto da Fazenda Boqueirão e seguindo uma breve análise acerca dos conceitos de território, identidade e memória, fica claro que as identidades, estejam elas direcionadas à vertente territorial, social e/ou cultural, só são formadas

através de um processo de apropriação do homem pelo espaço. É no lugar que ele cria, por meio de aspectos concretos e subjetivos, uma relação de pertencimento e identificação com o espaço criado por si e para si, tendo como referência o seu território e seus diferentes usos e ressignificações.

5 A FAZENDA BOQUEIRÃO NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES DO BAIRRO: ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar a forma como os moradores do Bairro Lomba do Pinheiro se relacionam com a estrutura histórica conhecida como Fazenda Boqueirão. Levando em consideração que essa estrutura é de extrema relevância não só para o bairro em si, mas para compreensão e entendimento da organização da cidade no século XIX.

A partir dos conceitos acerca da noção de memória, imaginário e território foi possível observar que os sujeitos e suas relações pessoais influenciam o cuidado, a preservação e o surgimento de novos sentidos e significados a um bem material. Atualmente a Fazenda Boqueirão encontra-se em ruínas e pertence a uma área privada, já que o local foi vendido para a construção de um condomínio de alto luxo, o que causou grande impacto para os moradores que se mobilizaram para que medidas preventivas fossem aplicadas, comprovando que os mesmos estão imbuídos e interessados na preservação da história da Fazenda Boqueirão.

Ao mesmo tempo em que a Lomba do Pinheiro se caracteriza por ser um bairro da periferia da cidade e que sofre com estigmas negativos, sua população se caracteriza pelo engajamento e envolvimento nas lutas por melhores condições de vida, assim como, apesar do seu condicionamento social, grande parte desses moradores se mostram interessados na preservação da história e da cultura da comunidade como um todo. As entrevistas realizadas com alguns desses moradores ressaltam essa preocupação, assim como na atividade aplicada com os alunos do bairro, onde os mesmos acham relevante que exista um local como a Fazenda dentro do bairro.

De acordo com os conceitos trabalhados e levando em consideração que atualmente a Fazenda Boqueirão segue exercendo influência no cotidiano dos moradores do bairro, vale ressaltar que mais do que a história de uma antiga propriedade do final do século XIX, a Fazenda Boqueirão tornou-se um elemento que propulsiona o sentimento de pertença dos moradores para com seu bairro, desconstruindo uma imagem negativa à medida que os mesmos se sentem valorizados por obterem um local com tamanha historicidade próximo às suas casas.

Quando se reportam à Fazenda mostram sentir “orgulho”, mesmo que muitas das histórias mencionadas sobre o local estejam relacionadas à escravidão. Em relação a isso se pode observar que ao direcionarem seu imaginário para a presença de escravos e para o trabalho escravo, de certa maneira, esses indivíduos se identificam através de suas realidades, onde imaginário e real se complementam.

Através do trabalho realizado pelo Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, do qual eu faço parte, e também como moradora do bairro, sinto que embora nem todos os moradores tenham conhecimento da existência da Fazenda Boqueirão saber que o bairro possui um local com certa historicidade fomenta um sentimento positivo contribuindo para autoestima daqueles que integram essa comunidade.

Foi através do meu envolvimento com o museu que conheci a Fazenda Boqueirão e sua história. Nem todos os moradores do bairro conhecem a Fazenda, porém o museu, através de suas atividades de educação para o patrimônio e exposições, exerce um papel fundamental na disseminação e também na preservação dessa história. Além disso a relação que se estabelece entre comunidade e museu favorece o contato com os moradores resultando em trocas de conhecimentos possibilitando a aproximação com a maneira que esses moradores se relacionam com o seu território.

Os elementos que contribuíram para que esse espaço se tornasse uma referência de memória dentro do bairro estão diretamente relacionados a maneira como cada sujeito sente, vivencia e reconhece a Fazenda Boqueirão e sua história. Todo o processo de reconhecimento do local está ligado aos vínculos imateriais estabelecidos por cada morador. É evidente que alguns desses vínculos com o passar dos tempos tornaram-se comuns a alguns grupos da comunidade, fazendo com que os mesmos se identifiquem e reconheçam a história da Fazenda através de uma ligação comum a todos, como por exemplo, a relação que esses moradores fazem sobre a presença de escravos no local, como mostrou os relatos e os desenhos coletados para esta pesquisa.

Sendo assim, é possível considerar a relevância do local para a história do bairro e principalmente para a história de seus moradores, pois são os próprios sujeitos que constroem suas representações e visões dos diferentes acontecimentos e nas diferentes temporalidades, marcando e ressignificando suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. **Território e territorialidade**. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo. Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Brasília: Sebrae, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**; ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOSSÉ, Mathias Le. As Questões de Identidade em Geografia Cultural – Algumas concepções contemporâneas. IN: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: _____. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- BRAVIN, Adriana. **Tessituras do Presente: Mídia, Memória e Identidade**. Comunicação apresentada ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Núcleo de Jornalismo, INTERCOM, Porto Alegre, 2004.
- CAFÉ, Daniel Calado. **PATRIMÓNIO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DO MUSEU DO TERRITÓRIO DE ALCANENA**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Arquitectura, Urbanismo, Geografia e Artes Plásticas, Lisboa, 2007.
- DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória e esquecimento como formas de construção do imaginário da nação. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Orgs). **Identities – recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. **Textura nº: 9**, Canoas, 2003/2004
- FREIRE, Eduardo Duarte et al. **Lomba do Pinheiro**. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000. (Memória dos Bairros)
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-Territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Rio de Janeiro, EDUFF, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades **Territoriais**: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: _____ & ARAÚJO, Frederico Guilherme de. **Identities e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro, 2007.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LEFEBVRE, Henry. **La Production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- MACHADO DA SILVA, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MINUZZO, David Kura. **Lombado Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania: Vozes, olhares e expectativas dos seus agentes e atores sociais**. Orientadora: Ana Maria DallaZen. Porto Alegre, UFRGS/FABICO, 2011(Trabalho de conclusão do curso de Museologia da FABICO/UFRGS).
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e Memória: Algumas observações, 1992**. Artigo extraído de <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> acesso junho 2017
- OBERRATHER, Andréa; PEGORARO, Denise Bonat. A regularização fundiária no contexto da operação urbana consorciada Lomba do Pinheiro. **Anais**. Congresso de Direito Urbanístico, 4, 2006, São Paulo. Paper... Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico, São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de. **RELATÓRIO TÉCNICO FINAL: Pesquisa arqueológica junto à obra de instalação da adutora de interligação Belém Novo - Lomba do Sabão** – Município de Porto Alegre/RS, 2011.
- OLIVEIRA, Humberto; PERAFÁN, Mireyae E. Valencia. **Território e Identidade**. Salvador, Bahia, 2013. (Política e Gestões Culturais, 9).
- PERICO, Rafael Echeverry.Tradução Maria Verônica Moraes Souto.**Identidade e Território no Brasil**. Brasília, Instituto Interamericano de cooperação para a Agricultura, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, n. 29, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Atica, 1993.
- ROSA, André Osório; SOARES, Juliana; SANTOS, IluskaCuozzo Moura dos. **Descrição do sítio arqueológico e histórico**. Porto Alegre: PROFIL, 2009.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. (2002). O Pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado; In **Cadernos de Sociomuseologia**, N.º 19. Lisboa: ULHT.
- SYMANSKI, Luís Claudio Pereira. **Grupos domésticos e comportamento de consumo de Porto Alegre no século XIX: o solar Lopo Gonçalves**. Pontifícia Universidade Católica, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 1997.
- TATSCH, Juliana Pozzo. **ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO EM UM SÍTIO RURAL NA PORTO ALEGRE OITOCENTISTA: as relações espaciais e materiais no sítio RS.JA-74**.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas, 2015.

TELLES, Gonçalo Ribeiro. A paisagem é tudo. Pessoas e lugares, jornal de animação da rede portuguesa **leader+**. Lisboa. N.º 16, Série II. 2004

APÊNDICE A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, NOME E DEMAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

_____, brasileiro, maior, portador (a) da cédula de identidade – RG nº _____, inscrito no CPF/MF sob o nº _____ residente e domiciliado (a) na _____, nº _____, bairro _____, na cidade de _____, Estado de _____, CEP: _____, doravante denominado (a) CEDENTE, AUTORIZA a utilização e veiculação de sua imagem, voz, nome e demais características físicas pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, inscrita no CNPJ/MF sob o....., com sua sede na Avenida Paulo Gama, 110, Porto Alegre, RS, ora designada UFRGS, o pleno direito de gravar e utilizar sua imagem, voz, nome e demais características físicas em ambientes internos ou externos, ora denominada OBRA, pela participação no Projeto e Trabalho de Conclusão de Curso “Era uma vez a fazenda do Boqueirão: Memória, território e imaginário popular em torno da Fazenda do Boqueirão, Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, RS”, coordenado pela Prof^a. Ana Maria DallaZen, consoante as gravações a serem realizadas em _____, na cidade de _____, Estado do Rio Grande do Sul. A UFRGS poderá utilizar a OBRA, de forma gratuita e definitiva, por prazo indeterminado e sem limitação de vezes, em todo o território nacional e no exterior, em quaisquer idiomas, sem intuito comercial, pelas emissoras de rádio e televisão (aberta e fechada), que transmitam ou retransmitam a sua programação, também a livre utilização por meio de satélites ou cabos, cinemas, internet, emissões, recepções, transmissões, retransmissões ou repetições em emissoras radio difusoras, revistas, prospectos, periódicos em geral, outdoors, banners, cartazes, além de outras mídias que existam na data de assinatura deste instrumento ou que venham a ser inventadas. A UFRGS ou quem está vier indicar poderá utilizar, fruir e dispor de sua imagem, voz, nome e demais características físicas como melhor lhe aprouver, inclusive sob as modalidades de produção, reprodução parcial ou integral; fixação, edição; adaptação, quaisquer outras transformações; inclusão em fonograma ou produção audiovisual; distribuição por qualquer modo, podendo ser produzida, reproduzida, gravada ou fixada em quaisquer suportes tangíveis ou intangíveis, tais como CompactDisc (CD), CD-Rom, DVD, Fita Betacam, audiobook, MP3, MP4, Blu-Ray e por quaisquer outras modalidades existentes ou que venham a ser inventadas. Podendo ainda realizar qualquer tipo de contratação, concessão, cessão ou autorização sobre o presente termo, desde que relacionada com a pesquisa em referência. Essa autorização é feita de forma irrevogável e irretratável, obrigando as partes, seus herdeiros e sucessores, a respeitarem integralmente as condições aqui estipuladas. Fica eleito o Foro da Justiça Federal em Porto Alegre, RS, para dirimir eventuais questões deste Termo de Autorização.

, ____ de _____ de 2017.

Nome legível

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO APLICADO COM MORADORES DO BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO**

- *Como vocês moradores se relacionam com a Fazenda Boqueirão?*
- *De que forma vocês souberam da existência da Fazenda?*
- *Qual a principal “história” que vocês conhecem em relação ao local?*
- *Sabendo da existência da Fazenda e de sua relação com a história do bairro, você acha importante que o local seja preservado? Justifique.*
- *A presença de um espaço como a Fazenda Boqueirão dentro da Lomba do Pinheiro é bom ou ruim para o bairro e para os moradores? Justifique.*

APÊNDICE C

Proposta de atividade realizada com alunos de sexta série das escolas EEEFM Rafaela Remião e EEEF Eva Carminatti. Para essa atividade foram escolhidas as escolas acima citadas por serem as duas escolas mais próximas a região onde se encontra a sede da Fazenda. Os alunos participantes não serão identificados.

- *De acordo com o que vocês conhecem e sabem a respeito da Fazenda Boqueirão, desenhem umas das principais histórias/memórias referente ao local.*